

Ditos do Reino: patriarcalismo e reciprocidade nos adágios portugueses dos séculos XVII e XVIII

Renato Pinto Venâncio*

Ao longo dos séculos 16 e 17, fazendas açucareiras se espalharam em faixas litorâneas entre Pernambuco e Rio de Janeiro. Nessas áreas, firma-se um modelo de família baseado no *patriarcalismo*, ou seja, na autoridade inquestionável do homem sobre a mulher, filhos, escravos e dependentes. No litoral não ocupado pela cana-de-açúcar ou nas clareiras das matas, também se observa o surgimento de uma população que não era constituída nem por senhores nem por escravos; e que, dependendo da região, recebia denominações distintas, como *roceiros, caipiras, caiçaras, farinheiros, mandioqueiros, etc.*

Nesse mundo camponês, formado por portugueses que não ascendiam socialmente, escravos que conseguiam a liberdade e índios destribalizados, o trabalho familiar era regra, assim como a produção para autoconsumo. Nas áreas por eles ocupadas, roças de alimentos eram constituídas após a derrubada e queimada de pequenas parcelas da mata, seguidas pelo repouso do solo por algumas décadas¹.

Deslocando-se de tempos em tempos, a família se constituía em unidade básica da existência: lugar de reprodução, de trabalho, assim como de produção e consumo. Espalhados pelo território colonial, esses grupos domésticos podiam viver isolados de outras famílias, acabando por se transformarem em uma quase autarquia, auto-suficiente e independente – abastecendo-se, eventualmente, com produtos que faltavam, como sal, ferramentas e pólvora comprados ou mesmo trocados na vila.

Havia, porém, complexas diferenciações no interior desta camada, permitindo que muitos homens e mulheres - não proprietários de escravos ou proprietários de poucos escravos

* Doutor em História pela Universidade de Paris IV– Sorbonne. Professor associado I da Universidade Federal de Ouro Preto – UFOP.

¹ PRIORE, Mary Del e VENÂNCIO, Renato. *Uma história da vida rural no Brasil*. Rio de Janeiro: Ediouro, p. 48. Trata-se de um método comum a muitas sociedades camponesas, ver: BOSERUP, Ester. *Evolução agrária e pressão demográfica*. São Paulo: Hucitec/Polis, 1987, p. 29-36.

-, se integrassem à sociedade, produzindo mais alimentos do que o necessário à sobrevivência, transformando-os em pequenos comerciantes².

Um desafio à imaginação dos historiadores tem sido o de como caracterizar a vida familiar desse segmento. Seria ela patriarcal como ocorria nas casas-grandes das fazendas açucareiras? O homem dominaria implacavelmente sobre o restante da família ou haveria outras relações de maior proximidade social e reciprocidade?

Essa questão não escapou a compreensão de Gilberto Freyre, levando-o a reconhecer a existência, na Colônia, de *famílias parapatriarcais, semipatriarcais e mesmo antipatriarcais... que o sociólogo não tem, entretanto, o direito de confundir com prostituição ou promiscuidade*³. Contudo, caso aceitarmos a existência desses últimos arranjos familiares, como seria possível caracterizá-los? Em que as *famílias parapatriarcal* ou *antipatriarcal* se diferenciariam das famílias patriarcais propriamente ditas? Nas próximas páginas propomos uma forma de caracterizar essa diferenciação, analisando uma questão que tem sido até agora bastante negligenciada pelos pesquisadores: a dos valores familiares.

Como, porém, seria possível estudar os valores familiares de senhores e de roceiros? Ora, algumas interessantes pistas a esse respeito são fornecidas pelos ditados populares que circulavam no mundo luso-brasileiro nos séculos 17 e 18⁴. Esse material, como toda fonte histórica, deve ser utilizado com os devidos cuidados. Os ditados populares eram recolhidos pela elite letrada, que os registravam em livros. Ao fazerem isso, era comum ocorrer alteração de sentido ou mesmo a associação de um provérbio popular a um erudito⁵. Além disso, em uma sociedade multicultural, formada por povos indígenas, africanos e portugueses, dispomos apenas dos provérbios provenientes desse último segmento.

Ao explorarmos nossa fonte enfrentamos, portanto, enormes desafios. Talvez o mais intrigante deles seja o fato de os provérbios apresentarem versões diversas a respeito de um mesmo aspecto da vida familiar. O recurso utilizado neste capítulo consiste em transformar o que aparentemente é um problema em uma solução. Em outras palavras, acreditamos que as contradições dos conteúdos dos provérbios espelham tradições patriarcais da elite, que

² SCHWARTZ, Stuart. Roceiros e escravidão: alimentando o Brasil nos fins do período colonial, in *Escravos, roceiros e rebeldes*. Bauru: EDUSC, 2001, pp. 123-170; BACELLAR, Carlos de Almeida Prado. *A Escravidão miúda em São Paulo colonial*. SILVA, Maria Beatriz (org.). *Brasil: colonização e escravidão. Rio de Janeiro: Nova Fronteira*, 2000, pp. 239-254; COSTA, Iraci del Nero da. *Arraia-miúda: um estudo sobre os não-proprietários de escravos no Brasil*. São Paulo, MGSP, 1992.

³ FREYRE, Gilberto. *Casa Grande & Senzala*. 18 ed. Rio de Janeiro: José Olympio, 1977, p. 65.

⁴ Os provérbio abaixo transcritos foram colhidos nos livros: DELICADO, Antonio. *Adagios portugueses reduzidos a lugares comuns*, Lisboa, Officina de Domingos Lopes Rosa, 1651 e BLUTEAU Raphael. *Vocabulário Portuguez e Latino*. Lisboa: Colégio das Artes da Companhia de Jesus, 1712-1728.

⁵ MATTOSO, José. *O essencial sobre os provérbios medievais portugueses*. Lisboa: Casa da Moeda, 1987, p.8.

privilegiavam a hierarquia no interior da vida familiar, e, ao mesmo tempo, reproduzem visões de reciprocidade familiar comuns às camadas camponesas⁶.

Dessa forma, os ditados servirão de fio condutor para compreendermos algumas das expectativas frente à vida familiar do passado, expectativas que não se restringiam ao mundo erudito nem eram exclusivamente populares. Tratava-se, na verdade, do resultado do intercruzamento entre essas duas tradições, em forma de circulação do saberes que utilizavam a oralidade como meio de transmissão de conhecimento. Mais ainda. Essas visões eventualmente entravam em choque com as definições da *família cristã*, determinada pelas leis da Igreja e do Estado.

Através da análise destes saborosos fragmentos do senso comum, procuramos adentrar no que seria a diversidade da moral familiar senhorial frente à camponesa.

Os ditos populares, sabidamente, não são um reflexo da realidade, mas sim uma crítica, seja pela reafirmação da tradição seja pela produção de novas expectativas de vida. Os provérbios, dessa forma, podiam reafirmar a ordem social de maneira conservadora, mas também podiam inverter ou ironizar essa mesma ordem, iluminando as injustiças sociais. Trata-se, como é possível notar, de uma fonte histórica reveladora de importantes aspectos culturais; no entanto, conforme afirmamos, ela não é isenta de problemas.

Ao certo, sabemos que os portugueses trouxeram para o Novo Mundo um arsenal de ditos e ditados, mas não podemos reconstituir com precisão a circulação desses provérbios, nem muito menos estabelecer a cronologia de sua difusão. Os testemunhos que transcrevemos a seguir servem apenas como indícios, como sugestões para se compreender a multiplicidade de valores frente à família no mundo luso-brasileiro.

O que diziam, porém, esses testemunhos?

Ora, uma primeira questão a ser sublinhada refere-se ao fato de - apesar de Portugal ser marcado pela pequena propriedade - existirem valores associados à valorização da grande propriedade. O latifúndio podia ser um objetivo de vida, um sonho de fartura dos portugueses dos séculos 17 e 18. Não por acaso, dizia-se:

Casa em que caibas, vinho quanto bebas, terra quanto vejas.

Por outro lado, nada impedia que provérbios coloniais cruzassem os mares em direção ao reino. Os ditados populares referentes aos escravos sugerem isso, embora seja importante

⁶ Ver tal conceituação em: SEGALLEN, Martine. *Sociologia da Família*. Lisboa: Edições Terramar, 1999.

reconhecer que, até o século 19, a escravidão foi legalmente reconhecida em Portugal, havendo aí um certo número de cativos:

Ao bom cavalo espora e ao bom escravo açoite.

O ultramar era uma miragem, uma possibilidade de enriquecimento rápido. Porém, a emigração também implicava no ingresso em um mundo hostil, em que havia a perda das referências familiares. Nesse ambiente - que podia ser no Novo Mundo, na África ou na Ásia -, a dissolução dos antigos laços familiares consistia em um risco evidente, assim como havia a possibilidade de ser trapaceado ou de se perder o senso moral:

*Quem em terra alheia tem filho, morto o tem e espera-o vivo.
Quem longe vai casar, ou vai enganado ou vai enganar.
A mortos e a idos, não há amigos.*

Os provérbios, dessa forma, guardam pequenas lições morais, mas também são carregados de ironia. Alguns deles revelam com bastante objetividade o conteúdo da moral patriarcal. Os ditados tratavam de reafirmar a autoridade masculina, em detrimento da feminina. Em casos extremos, vetava-se às mulheres o direito à palavra:

A mulher e a cachorra, a que mais cala é a mais boa.

Além de preconceitos, os provérbios continham instruções práticas, ensinando como o marido patriarcal deveria lidar com a esposa:

*O homem na praça, mulher em casa.
A mulher e a galinha, com sol recolhida.*

Assim, embora hoje seja possível afirmar, em relação ao passado, a existência de espaços sociais de autonomia da mulher, não há como negar a presença de expectativas voltadas à reclusão feminina. Entre os portugueses que vieram para o Novo Mundo, muitos trouxeram na bagagem a cultural a submissão feminina enquanto um valor, associado à autoridade masculina:

*Triste da casa onde a galinha canta e o galo cala.
Em casa de Gonçalo, mais pode a galinha que o galo.*

Dessa maneira, o domínio patriarcal tinha um preço: a constante vigilância das esposas. Não por acaso, os ditados alertavam para os riscos da ausência do marido ou, ainda, os riscos das mulheres à janela:

*Quando em casa não está o gato, estende-se o rato.
Mulher janeleira, uvas de parreira.*

A depreciação da esposa, nesse tipo de moral, era apenas um item no conjunto das depreciações da mulher. Definitivamente, não se podia confiar no sexo feminino:

*A mulher sara e adocece quando quer.
Da laranja e da mulher, o que ela der.
Digna é de nome e fama, a mulher que não tem fama.*

Esses preconceitos também se desdobravam em uma visão negativa da beleza feminina. Preferia-se a mulher “meio-termo”, nem feia nem bonita, como também ficou registrado nos guias de casados da época. Eventualmente, sublinhava-se o prejuízo que a vaidade causava à economia doméstica:

*Nem tão formosa que mate, nem tão feia que espante.
Da feia e da formosa, a mais proveitosa.
Moça louçã (bela), cabeça vã.
A moça em se enfeitar e a velha em beber, gastam todo o seu haver.*

Como seria de se esperar, os preconceitos patriarcais se desdobravam em afirmações misóginas envolvendo as filhas, vistas negativamente ou como um castigo decorrente de aventuras masculinas:

*Filha, nem nasça nem morra.
Levar má noite e parir filha.
A homem aventureiro, a filha lhe nasce primeiro.*

Tal qual a esposa, a reclusão doméstica das filhas também era exigida. A casa era o lugar das meninas e moças, e a mãe era a responsável por sua vigilância:

*A boa filha duas vezes vem para casa.
Daí-me mãe acautelada e dar-vos-ei filha guardada.
Quando entrastes na vila, perguntas primeiro pela mãe, que pela filha.*

Os riscos que pesavam sobre as famílias que desobedecessem a esses ditames eram enormes, pois se acreditava que:

*Minha filha fareja, um diabo a toma, outro a deixa.
Não há geração sem rameira [prostituta] ou ladrão.*

Essa misoginia também decorria da necessidade, quando dos casamentos, de se dotar filhas - dote que podia ser em dinheiro, terras ou escravos. Nos meios sociais da elite, em que a mulher não tinha nenhuma função econômica, o marido era, por assim dizer, indenizado ao se casar, o que criava dificuldades econômicas para os respectivos pais:

*Case o filho quando quiseres e a filha quando puderes.
Quem casa filha, depenado fica.
Quantas vezes te ardeu tua casa? Quando casei filhas.*

Aliás, tais uniões não deviam ser guiadas por amor, mas sim pelos interesses dos pais. Esses últimos tratavam de escolher um noivo no mesmo grupo social a que pertenciam. Tudo que fugisse a esse princípio era visto como tolice ou insensatez:

*Se queres bem casar, casa com teu igual.
Quem casa por amores, maus dias e piores noites.
Por afeição te casastes, a trabalho te entregastes.*

Em relação aos filhos, a moral patriarcal também apresentava um leque de prescrições. A violência no processo educativo era valorizada:

*A teu filho, e a teu amigo, pão e castigo.
Filho aborrecido nunca teve bom castigo.
A duas palavras, três porradas.*

Alertava-se, ainda, para a importância da primeira fase da vida, pois mais tarde haveria muita dificuldade em se corrigir o filho:

*Quem torto nasce, tarde se endireita.
De pequenino se torce o pepino.*

A educação masculina dependia do pai. Nas famílias patriarcais sua presença, como ordenador moral e guardião da honra, era fundamental. Não por acaso, nesse universo cultural, os filhos criados por viúvas eram depreciados:

Filho de viúva, ou mal criado, ou mal costumado.

Os laços consangüíneos masculinos representavam a força maior da família patriarcal, daí não só a valorização dos filhos homens, como também das relações mantidas entre os irmãos:

*Três irmãos, três fortalezas.
Ira de irmãos, ira
de diabos.
Entre pai e irmãos, não te metas as mãos.
Corta-me pés e mãos e metem-me entre meus irmãos.
Quem não tem irmãos, não tem pé nem mão.*

Em comparação às irmãs, a importância dos irmãos era superior. Apesar das despesas com o dote, a saída da filha para se casar é saudada, ao passo que a saída de casa do filho é vista com tristeza. A esses últimos, alertava-se:

*Casamento feito, noivo arrependido.
A quem faz casa ou se casa, a bolsa lhe fica rasa.*

O que dizer desses testemunhos? Ora, eles parecem corresponder às visões correntes do passado patriarcal, baseadas no domínio masculino e na subjugação feminina. Essa lista, no entanto, ficaria incompleta se a ela não levássemos em conta outro rol de ditados populares de natureza bem distintas dos acima.

Não havia necessariamente competição entre eles, nem muito menos eles correspondiam a grupos sociais específicos. O importante, na verdade, é sublinhar que havia alternativas à visão patriarcal, alternativas baseadas em noções menos rígidas de hierarquia, baseadas na complementaridade e na reciprocidade entre os sexos.

Isso implicava no surgimento de valores divergentes dos patriarcais. A começar pelo reconhecimento da importância do trabalho, algo que fugia ao ideal aristocrático português e da elite colonial:

*Trabalhe e terás
Quem não trabalha, não mantém casa farta.*

O sentimento igualitário camponês também é percebido em outros provérbios:

Todos somos filhos de Adão e Eva, só a vida nos diferencia.

Nesse universo, o trabalho agrícola, a comercialização dos alimentos e o artesanato doméstico dependiam da divisão do trabalho familiar. As atividades econômicas femininas eram valorizadas, dando origem a provérbio que faziam alusão às fiandeiras, produtoras de tecidos:

*De boa filha, boa fiandeira.
Bem fiei, pois meu filho criei.*

A importância da mulher também pode ser percebida em outras situações. Havia ditados bem diferentes dos de perfil patriarcal, que exaltavam a importância das filhas:

Quem não tem filha, não tem amiga.

Essa valorização também se dirigia à esposa ou às mulheres em geral:

*Quem senhora é em casa, senhora é pela vila chamada.
Com a mulher e dinheiro, não zombes companheiro.*

Isso, com certeza, não significava uma autonomia feminina na escolha do próprio destino, pois nesse meio a constituição de uma família era caminho obrigatório a todos:

Mãe, que cousa é casar? Filha, fiar, parir e chorar.

Em relação aos filhos, se observa a valorização de relações igualitárias. Os provérbios indicam os limites da autoridade paterna, havendo mesmo uma condenação aos pais relapsos:

*Um pai para cem filhos e não cem filhos para um pai.
Qual o pai, tal o filho, qual o filho, tal o pai.*

A responsabilidade paterna se desdobrava no ensinamento de valores morais e na preparação para o trabalho:

A teu filho, bom nome e bom ofício.

Em vez de uma rígida hierarquia, registravam-se nos provérbios o princípio da complementariedade dos papéis domésticos, acompanhado pela tolerância frente aos defeitos mútuos do casal ou à sexualidade não-controlada:

*Marido, não vejas; mulher, cega sejas.
O homem é fogo e a mulher estopa; vem o Diabo assopra.*

Nos ditados populares, nem sempre era aceito o princípio patriarcal que atribuía ao irmão mais velho o papel de substituto do pai. Era necessário refrear seu ímpeto, criticando-o:

Irmão maior, pai menor.

A hipocrisia dos casamentos arranjados também era motivo de críticas, estendidas aos casamentos de viúvas ou de homens idosos com jovens:

*Por cobiça de florim, não te cases ruim.
A viúva rica, casada fica.
A viúva com o luto, a moça com o moço.
Ao velho recém-casado rezar-lhe por finado.*

Outro elemento que afasta esses provérbios das visões patriarcais é que eles não valorizavam a *família extensa*, ou seja, a coabitação de várias gerações, ou de parentes colaterais, em um domicílio. Nos provérbios que tratam dos conflitos domésticos, essa visão é explicitada:

*O saco do genro nunca é cheio.
Genro, pelo papo vai me tangendo.
O porco, e o genro, mostrar-lhe a casa e virá cedo.
Amizade de genro, sol de inverno.*

Se o genro era um “sol” sem serventia, as sogras eram vistas francamente com hostilidade, atributo extensível às cunhadas:

*Farinha apurada não te veja sogra, nem cunhada.
Quem não tem sogra, nem cunhada, é bem casada.*

Nessa tradição, os dependentes estavam longe de ser considerados membros da família. Eis o que se afirma em relação aos moradores de favor:

O hospede e o peixe, aos três dias fede.

Bem mais considerados eram os laços de vizinhança, fundamentais nos trabalhos do campo, dando origem a provérbios a respeito da reciprocidade dos laços de amizade:

*Não se pode viver sem amigos.
Nos trabalhos se vêem amigos
Mais vale um bom amigo, que parente, nem primo.
Não há melhor espelho que amigo velho.*

O convívio intenso podia, contudo, gerar conflitos. A história luso-brasileira está repleta de referências a respeito de lutas sangrentas nascidas entre parentes e amigos. Os ditados populares alertavam para esses riscos:

*Amigo de bom tempo, mudastes com o vento.
Amigo de todos, e da verdade mais.
Com amigo reconciliado e caldo requentado, nunca bom bocado.*

Como vimos, a moral patriarcal não era uma “fatalidade”. Com certeza, *fosse em solares, fosse em casebres*, o patriarcalismo podia ser dominante, produzindo situações de sujeição feminina⁷. No entanto, havia alternativas a essa moral, principalmente no mundo dos roceiros, caipiras, farinheiros etc: enfim, entre aqueles, que se guiavam por uma ancestral cultura camponesa, onde a reciprocidade e a complementariedade das atividades masculinas e femininas tinham um papel fundamental na sobrevivência da família.

⁷ VAINFAS, Ronaldo, *Trópico dos pecados: moral, sexualidade e inquisição no Brasil*. Rio de Janeiro: Campus, 1988, p. 110. Ver também: CORREA, Mariza. Repensando a família patriarcal brasileira. In *Colcha de retalhos: estudos sobre a família no Brasil*. São Paulo: Brasiliense, 1982, pp. 13-38 e SAMARA, Eni Mesquita. *A família brasileira*. 4 ed. São Paulo: Brasiliense, 1993.